

Leonardo Boff*

A hospitalidade: contra a expulsão por Trump dos imigrantes nos EUA

A violência com que o governo de Donald Trump está aplicando a imigrantes estrangeiros indocumentados,caçando-os nas ruas,nas escolas, nas fábricas e até nas igreja,nos faz refletir sobre a hospitalidade.A Terra é um bem comum da humanidade. Em princípio todos poderiam se movimentar dentro dela com o direito de serem hospedados pelos semelhantes e estes com o dever de hospedá-los,pois, todos são iguais e cidadãos da única Casa Comum. Mas isso não acontece.

Servimo-nos de um dos mais belos mitos da cultura grega, transmitido para a posteridade pelo poeta romano Ovídio(43-37 d.C) em sua Metamorfoses, que consagra a alta virtude da hospitalidade.

“Certa vez Júpiter, pai-criador do céu e da terra e seu filho Hermes, princípio de toda comunicação - donde vem a palavra hermenêutica - resolveram disfarçar-se de pobres. Decidiram vir ao reino dos mortais para ver como ia a criação que haviam posto em marcha. Júpiter depôs toda sua glória e Hermes desfêz-se das duas asas, seu símbolo maior.

Passaram por muitas terras e encontraram muita gente. Pediam ajuda a uns e a outros. Ningué m lhes estendia a mão. Recebiam maus tratos e ouviram palavras ofensivas. Várias vezes foram afastados das portas com violência. Muitos sequer os olhavam. Era o que mais lhes doía: não serem sequer olhados, como se fossem cães lazarentos.Por isso, passaram fome e toda sorte de privações.

Depois de sentirem-se alijados por todos, o que mais desejavam era água fresca para beber, um prato de comida quente, aliviar os pés com água morna e uma cama para repousar os corpos. Sonhavam com a hospitalidade mínima!

Até que um dia, chegaram à Frígia, província das mais longinquas e pobres do império romano, lugar para onde eram desterrados rebeldes e criminosos. Ai vivia um casal muito pobre. Ele se chamava Filêmon, em grego, “amigo e amável” e ela Báucis, “delicada e terna”.

Sobre uma pequena elevação construíram sua choupana, rústica, porém, muito limpa. Foi lá que, ainda jovens, uniram seus corações. O intenso amor tornava leve a pena. Viviam em grande paz e harmonia pois um auxiliava sempre o outro. Quem mandava era também quem obedecia. Estavam já velhinhos, cansados de trabalhos e de dias.

Eis que chegaram à choupana, Júpiter e Hermes, disfarçados de pobres mortais. Bateram à porta. Qual não foi a surpresa deles quando o bom velhinho Filêmon, sorridente, apareceu à porta e sem muito reparar foi logo dizendo:

Forasteiros, vocês devem estar muito cansados e com fome. Venham, entrem em nossa casa. É pobre, mas está pronta para hospedá-los.

Os imortais tiveram que abaixar-se para entrar. Dentro sentiram a boa irradiação da hospitalidade. Báucis, a “delicada e terna”,logo se apressou em lhes oferecer duas cadeiras, na verdade, dois tamboretes de madeira rústicos. E foi buscar água fresca da fonte, atrás da choupana.

Filêmon, por sua vez, começou a reanimar o fogo, quase apagado.Tomou raminhos finos e pedaços de lenha maiores, os colocou por sobre as brasas ardentes e ajeitou a panela com água para aquecer. Dentro de pouco a água já estava morna.

Báucis com seu avental remendado começou a lavar os pés de Júpiter e de Hermes, jogando água morna pelas pernas até perto do joelho para que se aliviassem de verdade.

Filêmon foi à horta atrás da choupana e colheu algumas folhas e legumes, enquanto Báucis tirava do alto, onde estava pendurado numa vara, o último pedaço de toucinho que restara. Estavam até pensando em sacrificar o único ganko que tinham, aquele que guardava a pobre choupana. Mas os imortais o impediram com determinação. Seus olhos, entretanto, se comoveram às lágrimas.

Numa antiga panela de barro, cozinharam os legumes com o toucinho. Um cheiro bom de comida caseira se espalhava pela choupana.

Báucis tomou do azeite turvo e grosso que eles mesmos faziam, e o deitou por sobre a sopa. Grandes olhos de azeite espreitavam na superfície. Depois que tirou a panela, tomou alguns ovos e os meteu sob a cinza quente. Filêmon se lembrou do vinho que jazia numa vasilha empoierada no canto da casa, guardado como remédio. Haviam sobrado ainda ainda alguns pedaços de pão do dia anterior. Aqueceram-nos na borda do fogão.

A hospitalidade e a aura benfazeja do lugar fez esquecer a demora. E de repente tudo estava sobre a mesa em pratos limpos.

“Queridos hóspedes, vamos comer, pois vocês

o merecem depois de tantas canseiras. Perdoem simplicidade e a pobreza da cozinha”.

E para não constrangê-los, Báucis e Filêmon, embora tivessem já comido, sentaram-se também à mesa para cear com eles.

Em seguida, Báucis e Filêmon se levantaram, tiraram nozes, figos secos e tâmaras de um bau, suporte dos pratos e das velas, e os serviram como sobremesa.

Por fim, os dois velhinhos ofereceram sua própria cama, a única que havia na choupana, para dormirem. Juntos puseram-se logo a arrumá-la. Colocaram lençóis limpos, embora visivelmente gastos. Estenderam por sobre o leito um velho tapete que guardavam para as festas. Júpiter e Hermes não se aguentavam de comoção. Lágrimas brotaram em seus olhos.

Instados a recolher-se, Júpiter e Hermes se dirigiram para a cama. Eis senão quando, sobreveio grande e inesperada tempestade. Raios e trovões iluminaram a choupa e ribombavam pelo vale afora. Num instante as águas subiram ameaçando pessoas e animais.

Desculpando-se junto aos visitantes Báucis e Filêmon se levantaram apressados para ir socorrer os vizinhos.

Foi então que ocorreu a grande metamorfose. Repentinamente a tempestade cessou. E num abrir e fechar de olhos a choupana foi transformada num luzidio templo de mármore. Colunas em estilo jônico enfeitavam a entrada. O teto de ouro reluzia como o sol recém saído das nuvens. Júpiter e Hermes finalmente mostraram quem eram, divindades no pleno esplendor de sua glória.

Filêmon e Báucis ficaram estarecidos, cheios de alegria e ao mesmo tempo de temor reverencial. Puseram-se de joelhos, inclinando a cabeça até o solo em sinal de adoração.

Júpiter, senhor do céu e da terra, do sol e dos ventos, depois de ter aplacado a tempestade, bondosamente, disse:

-”Amigo e amável” Filêmon, “delicada e terna” Báucis, façam um pedido que eu, Jupiter, em agradecimento, quero atender.

Baucis inclinou-se para Filêmon e colocou a cabeça encanecida sobre seu peito. E, como se tivessem previamente combinado, disseram

unissonamente:

-O nosso desejo é de servir-vos nesse templo por todo o tempo que nos resta de vida.

E Hermes acrescentou:

-Eu também quero que façam um pedido em agradecimento pela hospitalidade.

E eles, novamente, como se tivessem combinado sussuraram conjuntamente:

-Depois de tão longo amor e tanta concórdia, gostaríamos de morrer juntos. Assim não precisaríamos cuidar da sepultura de um e do outro.

Seus votos foram ouvidos e receberam a promessa de cumprimento.

De fato, Filêmon e Báucis, os esposos hospitaleiros, serviram por muitos anos no templo, pelo tempo em que durou sua respiração.

Certo dia, sentados à tardinha no átrio, recordavam a história do lugar, de como, sem saber, hospedaram os deuses em sua choupana. Nesse momento Filêmon viu que o corpo de Báucis se revestia de ramos e flores, da cabeça aos pés. E Báucis viu também que o corpo de Filêmon se cobria todo de folhagens verdes. Mal puderam balbuciar juntos o derradeiro adeus porque se completou a grande metamorfose: Filêmon foi transformado num enorme carvalho e Báucis numa frondosa tília. Suas copas e galhos se entrelaçaram no alto. E assim abraçados ficaram unidos para sempre”.

Quem passar por aquela região da Frígia, atualmente a Turquia, ainda hoje ouvirá esta fantástica história contada de geração em geração. Poderão ver as duas árvores centenárias, lado a lado, com as copas e os galhos entrelaçados. Elas lembram o amor de Filêmon e de Baucis, esse casal hospitaleiro e a metamorfose que conheceram por causa de sua hospitalidade.

E os mais velhos repetem a lição até os dias atuais: quem hospeda o peregrino, o estrangeiro, o migrante, o refugiado e o pobre hospeda anonimamente a Deus.

***Leonardo Boff escreve para a revista LIBERTA do ICL (<https://www.revistaliberta.com.br>); escreveu também Virtudes de um mundo possível: hospitalidade: direito/dever de todos,Vozes 2005 (site: www.leonardoboff.org)**

Ives Gandra*

Por um Código de Ética para o STF

Volto a comentar com os amigos leitores a posição do Instituto dos Advogados de São Paulo (IASP) em relação ao Supremo Tribunal Federal. Estamos defendendo um código de ética para a Corte, além de uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC) de transparência a ser aprovada pelo Congresso Nacional.

Por meio dessa proposta, buscamos a publicidade de tudo o que acontece no Supremo, sem sigilos indefinidos; que as audiências sejam todas públicas — sem amesquinhar o papel dos advogados nas chamadas sessões virtuais — e, por fim, que os despachos proferidos monocraticamente sejam julgados, já na sessão ou semana seguinte, pelo plenário ou pela turma correspondente.

Evidentemente, essa PEC não é um ataque aos Ministros do Supremo Tribunal Federal, o que, aliás, nunca fiz, sempre me opondo a tal postura. O objetivo é que voltemos a ter um Supremo com respeitabilidade nacional, para que se perceba, efetivamente, que sua função é ser guardião da Constituição, não um legislador positivo ou um administrador ad hoc.

Assim, o que o Instituto dos Advogados de São Paulo (IASP) — a Casa paulista do jurista, que congrega mais de mil juristas de diversos Estados e é palco de debates sobre as grandes questões nacionais desde 1874 — está propondo, em nome de sua tradição, é uma solução efetiva para a atual crise de credibilidade da Suprema Corte.

É necessário que nossos atuais Ministros — que são ótimos juristas e cuja qualidade reconhecemos, tendo com muitos deles livros escritos e participado de bancas de doutoramento — atuem para que a Suprema Corte volte a ser o que era na época daqueles magistrados que a tornaram a instituição mais respeitável do Brasil.

Portanto, reitero que não estamos fazendo nenhum ataque ao Supremo, mas sim agindo em defesa da Instituição, de modo que os Ministros percebam a necessidade de a Corte retomar o prestígio e a confiança que sempre a caracterizaram.

Nessa esteira, sou contrário ao impeachment de Ministros do Supremo Tribunal Federal. Defendo, contudo, que eles voltem a atuar estritamente como julgadores, e não como atores políticos, despojando-se de preferências ideológicas para decidirem exclusivamente à luz de um Direito que não lhes cabe criar.

Significa dizer que não compete ao STF declarar que o Poder Legislativo é incapaz de exercer sua função para, a partir de então, assumir a tarefa de elaborar a lei. É imperativo que respeite as competências dos demais Poderes, ainda que discorde de suas decisões.

Nesse sentido, destaco um julgamento específico que me impressionou profundamente pela sua relevância e desdobramentos. Já sob a égide da Constituição de 1988, discutia-se a demarcação de

uma faixa de fronteira entre os Estados do Acre e de Rondônia, tendo por relator do processo o Ministro José Néri da Silveira. Naquela ocasião, fui consultado pelo governo de Rondônia para elaborar um parecer sobre a questão.

Manifestei-me favoravelmente à tese de Rondônia, com base no artigo do Ato das Disposições Transitórias, que resultara de um acordo prévio firmado entre Amazonas, Acre e Rondônia, estabelecendo que aquele território deveria ser destinado a Rondônia, por força da delimitação de uma Comissão para isto designada.

Já o Ministro Néri entendia que a área deveria permanecer com o Acre, sob o argumento de que, à data da promulgação da Constituição, a região estava sob seu domínio.

Contudo, diante da referida previsão constitucional, o Ministro José Néri manifestou-se da seguinte forma: embora mantivesse sua convicção pessoal a favor do Acre, decidiu em conformidade com o meu parecer, o qual transcreveu integralmente em sua decisão. Declarou-se, naquele momento, um ‘escravo da Constituição’, decidindo em favor do Estado de Rondônia, apesar de entender que seria mais justo o território continuar com o Acre.

Ou seja, mesmo possuindo uma posição pessoal distinta, preferiu cumprir o texto constitucional do que reescrevê-lo. É exatamente essa a postura que,

em minha opinião, o Supremo Tribunal Federal deveria adotar de forma permanente. O Ministro José Néri foi, sem dúvida, um exemplo de integridade moral e intelectual na Suprema Corte e uma das figuras mais notáveis daquele tribunal.

Portanto, o público leitor há de compreender que, ao defender a posição do IASP e das entidades coirmãs (OAB/SP, AASP, Conselho Superior de Direito da Fecomercio/SP, entre outras), não me manifesto contra os Ministros — a quem respeito —, mas contra decisões com as quais não concordo por não estarem baseadas na Constituição.

***Professor emérito das universidades Mackenzie, Unip, Unifco, UniFMU, do Cice/O Estado de São Paulo, das Escolas de Comando e Estado-Maior do Exército (Eceme), Superior de Guerra (ESG) e da Magistratura do Tribunal Regional Federal – 1ª Região, professor honorário das Universidades Austral (Argentina), San Martin de Porres (Peru) e Vasili Goldis (Romênia), doutor honoris causa das Universidades de Craiova (Romênia) e das PUCs PR e RS, catedrático da Universidade do Minho (Portugal), presidente do Conselho Superior de Direito da Fecomercio -SP, ex-presidente da Academia Paulista de Letras (APL) e do Instituto dos Advogados de São Paulo (Iasp).**